

Espaços Semiformais de Sociabilidade: a hospedagem em Pelotas no Século XIX.

Dalila Müller¹
Dalila Rosa Hallal²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar os primeiros espaços de hospedagem da cidade de Pelotas e, especificamente, as atividades desenvolvidas nesses locais e a forma como se configuraram como espaços semiformais de sociabilidade dos pelotenses nas décadas 40, 50 e 60 do século XIX. Os espaços semiformais de sociabilidade se caracterizam por espaços privados, mas abertos a um público com condições de pagar pelos seus serviços, seja pelos produtos disponíveis, como comidas e bebidas ou pelos entretenimentos oferecidos, como bilhares e demais jogos. As informações foram obtidas nos jornais de Pelotas e de Rio Grande, os quais foram pesquisados sistematicamente. Analisando as fontes jornalísticas foi possível perceber que os primeiros hotéis da cidade de Pelotas começam a ser abertos na década de 1840 e, além de locais de hospedagem, também eram espaços de sociabilidade, que ofereciam aos pelotenses salas para jogos, local para consumo de bebidas e salões para banquetes e festas.

Palavras-chave: Hospedagem. Sociabilidade. Espaço semiformal de sociabilidade. Hotéis.

Introdução

Pelotas, a partir da segunda metade da década de 1840, voltou a se desenvolver após ter ficado paralisada pelos dez anos da Revolução Farroupilha. A população retornou e imigrantes começaram a chegar; as charqueadas e novos estabelecimentos industriais e comerciais intensificaram suas atividades; houve uma maior preocupação com a melhoria do espaço urbano; atividades intelectuais começam a se desenvolver, com a fundação de jornais e publicação de livros; o Teatro Sete de Abril retomou suas atividades; sociedades recreativas foram organizadas. A cidade estava retomando seu desenvolvimento e reorganizando sua vida social e cultural.

Nesse contexto, foram abertos os primeiros hotéis e/ou casas de hospedagem na cidade. Pode-se dizer que antes disso a hospedagem em hotéis e demais casas de hospedagem era inexistente em Pelotas, pois, em todo o país era difícil para os viajantes obterem acomodações em suas viagens (Camargo, 2007), sendo a hospedagem gratuita em casas particulares uma prática comum para viajantes “ilustres” (Pires, 2001).

¹ Doutora em História (UNISINOS). Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dmuller@ufpel.edu.br. Pesquisa financiada pela FAPERGS – Auxílio Recém Doutor.

² Doutora em História (PUCRS). Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dhallal@ufpel.edu.br.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Neste trabalho busca-se apresentar os primeiros espaços de hospedagem da cidade de Pelotas e as atividades desenvolvidas nesses locais, visando discuti-los enquanto espaços de sociabilidade urbana propícios para os relacionamentos interpessoais.

O conceito de sociabilidade utilizado está ligado àquele que lhe atribui Maurice Agulhon, o historiador francês que mais trabalhou com este conceito. Para Agulhon (1992), as pessoas se associam não somente para fazer alguma coisa; muitas vezes o fazem, em primeiro lugar, para gozar da vida em grupo e em seguida para realizar alguma atividade. Nesse sentido, o mais importante é estar com o outro, gozar a vida em grupo, “ver e ser visto”. Nesse sentido, a sociabilidade:

[...] está relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, relações, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade, ou seja, a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, é o comportamento do indivíduo quando está interagindo com os demais em um espaço e tempo definidos e a satisfação provocada por isto. (Müller, 2010, p. 33)

De acordo com Navarro (2006) os espaços e formas de sociabilidade são múltiplos e variados, coexistindo manifestações estruturadas e formalmente estabelecidas e vertentes carentes desse grau de institucionalização. A partir desse conceito, é possível organizar a sociabilidade em três níveis, de acordo com o grau de formalização. A sociabilidade formal envolve espaços fechados, organizados formalmente, com a presença de sócios e local específico (Müller, 2010). A sociabilidade informal envolve espaços abertos, sem regulamentos e normas institucionalizadas, seus frequentadores são habituais e as relações são efêmeras (Müller, 2010).

Em um nível intermediário estão os espaços semiformais, nos quais é possível perceber as relações espontâneas dos espaços abertos e as manifestações próximas da vida associativa. Nesse nível estão os hotéis, que são espaços abertos a todos, mas que pertenciam a um proprietário e possuíam normas implícitas de funcionamento, que restringiam a entrada de alguns (Müller, 2010).

As informações para o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este trabalho foram obtidas em jornais e em relatos de viajantes. Os jornais periódicos que circulavam em Pelotas e em Rio Grande foram a principal fonte de informação disponível, uma vez que, como já afirmado, este trabalho aborda os primeiros meios de hospedagem de Pelotas, aos quais começaram a ser abertos a partir da década de 1840.

Os jornais, tanto de Pelotas como de Rio Grande, foram pesquisados de forma sistemática, levantando-se as informações diárias, o que permitiu levantar todas as informações constantes nos jornais ainda disponíveis. Dos jornais, foram utilizados os anúncios, que forneciam

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

informações sobre data de abertura e fechamento, proprietários, localização e serviços oferecidos. Com essas informações foi possível caracterizar os primeiros hotéis abertos na cidade de Pelotas, ou seja, centrar-se na estrutura formal desses espaços.

Além dos anúncios, foram utilizados os comentários e as crônicas. Neles, o cronista fazia uma análise e avaliação das atividades que eram desenvolvidas nesses espaços ou tecia comentários sobre o hotel ou o proprietário. Mesmo sabendo que esses textos jornalísticos eram representações do acontecido, pois traziam a marca do seu autor, impondo, ou buscando impor sua concepção de mundo (Chartier, 1990), foi possível compreender algumas relações que se teciam nesses lugares, ou seja, a sociabilidade.

Outra fonte consultada foi o relato de viajantes. Poucos foram os viajantes que se hospedaram e/ou descreveram os hotéis em Pelotas nas décadas analisadas (1840-50 e 60), pois, no século XIX era comum a hospedagem em casas particulares (Pires, 2001). Dois viajantes que estiveram em Pelotas no século XIX escreveram sobre as “casas de hospedagem” ou os hotéis na cidade.

A perspectiva teórica da representação orientou a interpretação das fontes jornalísticas. Para Ricoeur (2003) o passado só é perceptível por meio das suas representações, a partir delas consegue-se identificar as formas pelas quais a sociedade expressou-se a si mesma e ao mundo. Para este autor, a representação é considerada o objeto de estudo da história, a referência do discurso do historiador.

Características dos primeiros hotéis de Pelotas

Nesta parte do trabalho são apresentadas as características da hotelaria pelotense entre as décadas de 1840 e 1860, como data de abertura, localização e proprietários. As informações remetem para a abertura do Hotel Aliança em 1843 (Diário de Pelotas, 18.01.1885; Duval, 1945), podendo ser este considerado o primeiro hotel em funcionamento na cidade de Pelotas.

Observa-se que, antes mesmo do término da Revolução Farroupilha, este hotel já estava em funcionamento. Pode-se supor que isto tenha ocorrido, uma vez que outros fatos já demonstravam que a cidade estava reiniciando seu desenvolvimento econômico, sociocultural e político. Pode-se citar a instalação da fábrica a vapor de sabão, sebo e cola, do alemão Luiz Eggers, em 1841 (Avé-Lallemant, 1953), a reedificação do Teatro Sete de Abril, em 1844 (Duval, 1945) e a reabertura da Câmara Municipal no mesmo ano (Magalhães, 2011).

Ainda na década de 1840, Hermann Blumenau esteve em Pelotas e descreveu uma noite passada na “casa de hospedagem Claussen” no ano de 1846 (Blumenau, 1963). Além desses dois espaços de hospedagem, no final da década também estavam em funcionamento o Hotel dos

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Emigrados (O Rio-Grandense, 03.07.1847, p. 4) e o Hotel Godefroy, também chamado de Casa da Sotéa (O Rio-Grandense, 08.08.1848, p. 4). Assim, estavam em funcionamento no final da década quatro casas de hospedagem.

Na década de 1850 são abertos mais três hotéis: o Hotel Moreau, o Hotel do Mr. Remy e o Hotel do Comércio. O Hotel Moreau abriu em 2 de agosto de 1853 (Diário do Rio Grande, 31.07.1853, 4). Em 1852 há uma referência ao hotel do Mr. Remy (Remy Abadie) (O Pelotense, 04.06.1852, p. 2), embora, a partir de 1856, os jornais façam referência ao Hotel do Comércio, no mesmo local e com o mesmo proprietário. Porém, no dia 28 de agosto de 1853 abre o Hotel do Comércio em Pelotas em endereço diferente e sem referência ao proprietário (Diário do Rio Grande, 26.08.1853, p. 4). Desse hotel, a última reportagem é do mesmo ano.

Já na década de 1860 mais três hotéis foram abertos. O Hotel Nova Aliança aberto em novembro de 1862 (Diário do Rio Grande, 05.12.1864, p. 4) e o Hotel da Europa em novembro do ano seguinte (Diário do Rio Grande, 28.11.1863, p. 4). Há ainda a referência, em 1864, ao Hotel do Triunfo, porém estava sendo leiloado na data (Diário do Rio Grande, 13.03.1864, p. 3).

Temos assim, no final da década de 1840 a presença de 3 hotéis e uma casa de hospedagem, na década de 1850 temos 5 hotéis em funcionamento e na década seguinte, 5 hotéis estavam abertos na cidade. Comparando-os com outras regiões do Brasil no mesmo período, observa-se que a cidade de Pelotas, mesmo sendo uma cidade do interior, não estava atrás de cidades como São Paulo, que, segundo o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo – 1858, possuía seis hotéis no final da década de 1850 (Pires, 2001).

Os primeiros hotéis em Pelotas tinham como proprietários estrangeiros europeus. É possível dizer que os alemães foram os primeiros estrangeiros que instalaram casas de hospedagem em Pelotas, pois os dois primeiros estabelecimentos identificados – *Casa de hospedagem Claussen* e *Hotel Aliança* – tinham como proprietários imigrantes alemães. Os proprietários eram, respectivamente, Peter Claussen e Adolph Hermann Schreiber (Rosa, 2005).

A presença francesa e italiana era muito forte, seguida de um hotel cujos proprietários eram espanhóis. Os franceses Guilherme Moreau, Luiz Godefroy e Remy Abadie eram proprietários, respectivamente, dos hotéis Moreau, Godefroy e do Comércio (Müller, 2010). A propriedade de estrangeiros, principalmente franceses, também era uma característica dos hotéis nas cidades mais importantes do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo (Pires, 2001).

O Hotel dos Emigrados era de propriedade de espanhóis: Alexandre Tassis e Pablo Sardá. No restante do Brasil não é comum encontrar proprietários de hotéis dessa nacionalidade.

Analisando a presença estrangeira na cidade de Pelotas, pode-se dizer que os estrangeiros não portugueses começaram a chegar à cidade antes mesmo do término da Revolução Farroupilha. Klaus Becker (1958) identificou a chegada de 18 nacionalidades em Pelotas entre os

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

anos de 1844 e 1852, entre eles alemães, franceses, italianos, espanhóis, uruguaios e argentinos, caracterizada por uma imigração espontânea de indivíduos com qualificação profissional. Esses estrangeiros foram responsáveis pela abertura de novos estabelecimentos industriais, pelo oferecimento de novos serviços e de atividades liberais, entre eles os hotéis.

A constante presença de estrangeiros na hotelaria pode ser explicada por alguns aspectos. Os brasileiros possuíam um preconceito em relação aos serviços, pois, nas condições sociais do período, servir ou empreender esses serviços era indigno de homens brancos, pois era considerada uma atividade para escravos. Sobre os não brasileiros não pesava o preconceito quanto a esse tipo de trabalho, além de dominarem o conhecimento e a prática adquirida, na maior parte em empreendimentos familiares, em seus países de origem (Camargo, 2007).

No Brasil do século XIX, conforme o relato de viajantes, a hospedagem estrangeira apresentava um serviço de melhor qualidade, se comparada com as outras cujos proprietários eram brasileiros (Pires, 2001). Assim, pode-se supor que as primeiras casas de hospedagem de Pelotas possuíam serviços de qualidade para os padrões brasileiros da época.

Michael Mulhal (1974), que esteve na região no início da década de 1870 e destacou a excelência de uma estalagem francesa:

A cerca de dez milhas da cidade, a estrada divide-se em duas direções: uma para Jaguarão e a outra para os (Três) Cerros. Neste lugar, há uma excelente estalagem de beira de estrada, dirigida por um basco francês (dos Baixos Pirineus) e sua esposa, que com escrúpulo conservam tudo limpo. Seu filho e sua filha são os mais gentis garçons e a cozinha faz jus à boa reputação da dona da casa. (Mulhal, 1974, p. 135)

Os hotéis localizavam-se entre as ruas do Padeiro [atual Dr. Cassiano] e do Poço [atual Sete de Setembro] e entre as ruas Alegre [atual Gonçalves Chaves] e Augusta [atual Gen. Osório] (Figura 1), o que demonstra que, pelo menos no primeiro momento, estavam concentrados na área central da cidade. Essas eram as principais e mais importantes ruas da cidade. Em algumas se localizavam as residências ricas, em outras, principalmente na rua do Comércio [atual Félix da Cunha] e na rua de S. Miguel [atual XV de Novembro], localizavam-se as casas comerciais.

Essas ruas, além de casas comerciais, abrigaram também as primeiras confeitarias, o primeiro gabinete de leitura e foram as ruas por onde passavam as procissões religiosas e os desfiles civis.

Comprova-se um desenvolvimento mais importante dos hotéis em torno das principais vias de circulação que coincidiam com o centro econômico, religioso, cultural e social da cidade. Tais hotéis se estabeleceram onde havia maior concentração populacional. A sua localização permite pensar que estavam integrados ao desenvolvimento da cidade, ficando localizados no centro de maior circulação de pessoas.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



Figura 1 – Localização (aproximada) dos Hotéis na Cidade de Pelotas (1840-1870).

Fonte: Müller, 2010.

Legenda: ● H. Aliança; ● H. do Comércio; ● H. dos Emigrados; ● H. da Europa; ● H. Moreau; ● H. Nova Aliança; ● H. Godefroy; ● H. do Triunfo; ● H. do Comércio (Mr. Remy)

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Os hotéis também se localizavam próximos aos lugares de poder, como a Casa da Câmara. A localização geográfica confirma a correspondência entre a sociabilidade dos hotéis com a atividade econômica, política e cultural e é um indício do tipo de clientela que eram suscetíveis de receber. Pode-se supor que os adeptos desse tipo de espaço de sociabilidade, além dos viajantes, eram os homens de negócio, os responsáveis pela administração municipal, ou seja, eram os que detinham o poder econômico e político que transitavam por esses espaços.

Os hotéis enquanto espaços semiformais de sociabilidade

É possível considerar os hotéis espaços semiformais (intermediários) de sociabilidade, pois apresentam, concomitantemente, características formais e informais. Os hotéis eram espaços públicos, mas que pertenciam a um proprietário, possuíam normas de funcionamento que restringiam a entrada de algumas pessoas, quer pelo preço do que ofereciam (bebidas e comidas), quer pela exigência de um padrão de apresentação (nome, conhecimento, cargo). Além disso, havia limites no seu uso: limites temporais (horários de abertura e fechamento) e comportamentais (não correr, não entrar com animais, por exemplo); por outro lado, a sua frequência estava, em princípio, condicionada a um consumo.

O primeiro testemunho sobre os meios de hospedagem como lugares de sociabilidade é de Blumenau. Em uma das cartas enviadas para seus pais no início de agosto de 1846, Blumenau relatou uma noite passada na “*casa de hospedagem do Sr. Claussen*” que além de oferecer hospedagem, já era um espaço de sociabilidade, no qual as pessoas conversavam, bebiam, ouviam música e dançavam, conforme relato do viajante:

Mais tarde ainda apareceu um grupo de jovens, fantasiados de polacos e polonesas, dançando a polca ao compasso de uma esquisita mas bonita modalidade de música, que era novidade para mim: uma pequena flauta com acompanhamento de pandeiro. Após os outros terem ainda ‘champanhado’ vastamente e eu meditado sobre os meus planos para o dia seguinte, fomos dormir. (Blumenau, 1963, p. 56)

Visando atender seus frequentadores, os hotéis, além da hospedagem, diversificaram suas atividades, através do oferecimento de espaços para jogos, venda de bebidas e alimentação, ceias e banquetes.

Uma das principais atividades dos hotéis no período foi a reunião dos homens para jogarem, principalmente, o jogo de bilhar. A importância dos bilhares pode ser confirmada pela existência deles em quase todos os hotéis, pelo destaque dado aos mesmos nos anúncios e pela preocupação em disponibilizar locais adequados para este entretenimento. A reforma feita no

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Hotel Aliança, em 1857, dava ênfase para a sala de bilhares: “está se edificando um lindo sobrado para este fim, [com] espaçosas salas para bilhares” (Diário do Rio Grande, 11.02.1857, p. 2). Assim, pode-se constatar que a existência do bilhar era um diferencial de atração dos hotéis do período.

Surgida na Europa em fins da Idade Média, a sala de bilhar foi acrescentada nas mansões particulares francesas do século XIX, atestando uma vida mundana permanente e o luxo permitido por consideráveis possibilidades financeiras (Guerrand, 1991). Inicialmente restritas aos palácios e residências elegantes, as salas de bilhares multiplicaram-se e popularizaram-se no decorrer do século XIX.

Em Pelotas, o bilhar já era um jogo presente na cidade no início da década de 1830. Alberto Coelho da Cunha informou que em 1832 existiam seis salas de bilhares públicos na cidade, considerado por ele uma “coisa suntuosa” (Cunha, 1928). O jogo era um divertimento bastante apreciado não só pela população de Pelotas, como pelos demais moradores da Província.

É possível afirmar que os jogos, principalmente os bilhares, foram as primeiras atividades recreativas disponibilizadas pelos hotéis. Nestes locais se realizavam encontros frequentes entre uma clientela mais ou menos assídua ou ocasional, do sexo masculino, em torno ao jogo, onde além de jogarem, os homens conversavam e consumiam bebidas alcoólicas.

O oferecimento dos bilhares apenas para os “assinantes” demonstra que a sua clientela era assídua. A assinatura era uma forma de restringir a participação de “qualquer pessoa”. Quando não era destinada para os assinantes, a sua utilização para recreio público era mediante o pagamento por hora de jogo, variando se seu uso fosse durante o dia ou à noite, conforme o anúncio a seguir:

HOTEL MOREAU. Tendo muitas pessoas manifestado o desejo de se divertirem no bilhar d’este estabelecimento, o proprietário do mesmo, grato á preferência que essas pessoas lhe concedem, anuncia que d’ora em diante o bilhar está á disposição do publico, ficando de nenhum efeito a assinatura que anteriormente concedia a poucos, o direito de se divertirem. O preço é de 500 rs por hora, durante o dia; de noite 640. O jogo de paus é por partidas. (O Pelotense, 08.11.1853, p. 4)

Observa-se que, além dos bilhares, também se jogavam cartas nos hotéis. À medida que novos hotéis foram se estabelecendo na cidade no decorrer da segunda metade do século XIX, também foram se diversificando os tipos de jogos. Jogos de bola à italiana, francesa e alemã estavam disponíveis no Hotel Garibaldi; dominó, xadrez, cartas e jogo de bagatela eram jogados no Hotel de Gênova; ou ainda, jogos de tiro ao alvo, do sapo, da argolinha, roda da fortuna e outros, espingardas de salão eram jogados no Hotel das Quatro Nações (Müller, 2004).

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O jogo era admitido desde que não envolvesse apostas de grandes quantias, se destinasse apenas para a recreação, fosse realizado em residências honradas e não se caracterizasse como atividade permanente e meio de sobrevivência (Camargo, 2007).

Além das salas de bilhares, os hotéis foram os primeiros, juntamente com o Teatro Sete de Abril, a oferecer espaços para a realização dos bailes de máscaras em Pelotas. Na década de 1850, quando se introduzem esses bailes na cidade, os anúncios dão conta de apenas um hotel que oferecia este tipo de atividade. Nas décadas seguintes, principalmente depois de 1870, os bailes começam a se tornar mais frequentes nesses espaços.

Tais bailes de máscaras não eram realizados somente no mês de fevereiro, mês tradicional do carnaval, mas durante todo o ano. O proprietário do *Hotel do Comércio* convidava para um baile de máscaras no final do mês de outubro, no salão na parte de baixo do hotel. Os proprietários também deveriam obter licença do delegado de polícia para a realização destes bailes (O Pelotense, 28.10.1853, p. 4).

Essa prática – bailes de máscaras – era copiada dos festejos italianos e franceses e, pelo fato de os hotéis serem de imigrantes desses países, eles tenham tido a primazia no oferecimento de espaços para a atividade.

Os bailes de máscaras eram uma novidade para a cidade e a população não estava acostumada a essas variações nas atividades destinadas para comemorar o Momo, habituada que estava com o entrudo, que aos poucos foi sendo banido dos costumes pelotenses. O redator do jornal *O Pelotense*, de Pelotas, considerou o baile de máscaras um costume de cidades mais adiantadas e desejava que “de todo desaparecessem os velhos preconceitos de que ainda nos ressentimos” (O Pelotense, 29.01.1853, p. 2-3).

De fato, esses folguedos de origem europeia, mas não portuguesa, representavam:

uma nova maneira mais ‘civilizada’ de festejar, de origem citadina burguesa, que se exprimia em desfiles ou préstitos realizados pelas sociedades carnavalescas, que percorriam as ruas e praças principais da cidade e em bailes masqué (quando se usava não só fantasia mas também máscaras) realizados nos salões de hotéis, teatros ou clubes. (Simson, 1984 apud Barreto, 2003, p. 14).

A introdução dos bailes de máscaras, com a utilização de máscaras e fantasia e o pagamento da entrada, aumentava os custos em torno da nova comemoração, reduzindo drasticamente o caráter participativo da festa, proporcionado pelo entrudo, tornando-a um privilégio da elite.

Pode-se afirmar que, com esses imigrantes não portugueses, começa a haver uma introdução de novas formas de sociabilidade, modificando a utilização dos espaços. Isso indica que

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

a intensificação das migrações favoreceu a transformação dos hábitos de sociabilidade da população pelotense.

Além de salas para bilhares, os hotéis disponibilizavam salas e salões para refeições, tanto para almoços e jantares como para cafés, chocolates e refrescos. Além de oferecerem “numerosos e decentes aposentos para os viajantes”, ofereciam salas com “mesas redondas e particulares” e um “sortimento de primorosos artistas culinários” (Diário do Rio Grande, 11.02.1857, p. 2). As refeições, inicialmente restritas à casa e ao âmbito familiar, marcadas pela comensalidade e pela atuação da mulher, foram gradativamente ganhando os espaços públicos.

A preocupação de alguns proprietários quanto à disponibilização de produtos variados era validada pela escolha por serviços de cozinha especializados e pelo destaque da cozinha estrangeira, que, não apenas visavam atingir os hóspedes do estabelecimento, mas, inclusive, os moradores locais que buscavam encontrar variedade e boa mesa fora do âmbito privado. Pires (2001) afirma que, para os que gozavam de melhores condições econômicas, foi se tornando um hábito almoçar e jantar nos hotéis.

A especialização nas refeições fez com que os hotéis disponibilizassem espaços e oferecessem ceias e banquetes. Os banquetes e ceias, além de serem realizados nas residências das famílias abastadas da cidade, começaram a ter como espaço as salas e os salões dos hotéis e foram realizados para homenagear personalidades civis, religiosas e artísticas, ou ainda, faziam parte de festas cívicas.

O banquete foi uma prática comum em todos os tempos. Como diz Roy Strong (2004, p. 14), desde o início, “o ato de comer em conjunto transformou uma função corporal necessária em algo muito mais significativo, um evento social”. Na Antiguidade, o banquete distinguiu os homens civilizados dos semisselvagens, e desde aquela época, “a mesa e os convidados que se reuniam em torno dela para partilhar seus prazeres podiam ser um veículo de agregação e unidade social; mas podiam também encorajar distinções sociais, separando as pessoas em categorias pela colocação dos lugares, ou, pior ainda, pela exclusão.” (Strong, 2004, p. 14).

A participação da população da cidade nos hotéis se ampliou graças à aparição dessa nova forma de sociabilidade, que instituiu a discussão pública como objeto de encontro e que requeria um local com o serviço de comida: a ceia ou o banquete. Como afirma Pilar González (2008), essa fórmula foi adotada com muita rapidez pelos profissionais da política, a cujas necessidades se adaptaram de imediato os donos dos estabelecimentos, que transformaram a estrutura dos hotéis, acrescentando grandes salões para os banquetes.

Os primeiros banquetes nos hotéis foram realizados na década de 1850 e estavam relacionados, principalmente, com as festas cívicas (Independência do Brasil), refletindo a relação entre civilidade e política. Os banquetes conjugavam “bom tom e espírito cívico”, tendência

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

confirmada pela organização dos banquetes em honra de indivíduos e de acontecimentos considerados próprios para o progresso e a liberdade do cidadão.

O *Hotel Aliança* foi pioneiro nessa atividade. Nesse hotel foi realizado, em 1854, um banquete para comemorar o dia sete de setembro, servido para 130 oficiais da guarda nacional e 180 guardas. Após a banda de música percorrer as ruas da cidade, se recolheu ao Hotel Aliança onde estava preparado um “opíparo banquete, por subscrição promovida no mesmo batalhão [de Guardas Nacionais] pelo seu digno comandante o Sr. Tenente-Coronel Eliseu Antunes Maciel, e ao qual se tem a delicada lembrança de convidar alguns estrangeiros, para tomarem parte no regozijo de que se acham repletos os corações nacionais.” (Diário do Rio Grande, 16.09.1854, p. 3-4). Essa foi a primeira referência a uma ceia realizada em um hotel.

Os hotéis eram espaços de sociabilidade para uma nova sociedade civilizada e urbanizada: “A maior urbanidade reinou entre os anfitriões e os convidados; houve assalto de cavalheirismo e delicadeza. Os brindes os mais lisonjeiros e freneticamente correspondidos, davam uma alta ideia da estima e consideração que mutuamente se tributavam os convidadores e os convidados.” (Diário do Rio Grande, 04.06.1857, p. 1).

Os hotéis tiveram uma certa expressividade e pioneirismo no tocante ao oferecimento de refeições para uma população de melhor posição social, pois antes, e simultaneamente a eles, existiam as casas de pasto que comercializavam refeições mais comuns para uma população mais simples. Também é possível dizer que os hotéis foram os primeiros locais públicos a oferecerem ceias e banquetes. Nos banquetes era possível demonstrar a fineza dos costumes e a boa educação, ou seja, que se era civilizado, o que se constituía em sinal de distinção e de diferenciação.

A alimentação se tornou, assim, não um objeto de consumo, mas, principalmente, um instrumento, um canal de satisfação de outras necessidades dos indivíduos, que consumiam, não mais os objetos em si, mas as relações que se estabeleciam no e através do objeto. Consume-se não apenas a comida e a bebida, mas também, em um nível simbólico, a atmosfera criada naquele espaço, a diversão e as relações que ocorrem entre seus frequentadores.

Além das salas e salões para refeições e banquetes, os hotéis também disponibilizavam salões para apresentações. Durante todo o século XIX, “coisas esquisitas” eram apresentadas como espetáculos, divertindo tanto quanto qualquer outro espetáculo. Gabriella Turnaturi (2001) não encontrou nenhuma palavra de condenação ou de reprovação na utilização das desgraças humanas como espetáculo.

Em uma das salas do Hotel Aliança foi realizada uma “curiosa luta corpo a corpo entre o anão Joseph, vindo de Calcutá e um outro anão que reside nesta cidade”. O anúncio apelava para o esquisito do espetáculo, afirmando que os “apreciadores das raridades tem uma excelente

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

ocasião para se recrearem com esse divertimento novo em seu gênero, pelas personagens em cena” (Diário do Rio Grande, 12.07.1866, p. 3). O gosto por ver espetáculos e pessoas com deformidades se intensificou na segunda metade do século XIX, sendo tais espetáculos apresentados em hotéis e teatros.

Considerações finais

Os hotéis começaram a ser abertos em Pelotas no final da Revolução Farroupilha, principalmente pelos imigrantes não portugueses que chegaram na cidade nas décadas de 1840 e 1850. Esses locais se caracterizaram como espaços de sociabilidade marcadamente masculinos, com a oferta de jogos, principalmente o bilhar, local para comida e bebida e espaços para banquetes.

O hotel era um local que apelava à convivialidade, consubstanciada na conversação, na alimentação e nos jogos, possibilitando uma sociabilidade fluída e formal, favorecendo o contato entre os pelotenses e entre estes e os viajantes. Os hotéis eram, muitas vezes, locais de encontro fortuito, efêmero e relativamente anônimo. No entanto, tais estabelecimentos possuíam salas e salões reservados para banquetes, apresentações e jogos, sendo que seu espaço era, simultaneamente, um espaço social de relação, que, além da clientela de passagem, podiam originar a criação de grupos; onde os rituais de sociabilidade, fossem a conversação, o jogo ou a alimentação, transcorriam em um ambiente com uma certa intimidade e exclusivismo, um lugar de ver e ser visto e de frequência entre “iguais”.

A função do hotel, tal como encontramos em Pelotas no século XIX, corresponde a duas definições, na medida em que tal lugar é um espaço de hospedagem, mas é, ao mesmo tempo, um espaço de sociabilidade. Esses locais disponibilizavam salas e salões para jogos, principalmente bilhares; salas para refeições – almoços, jantares, cafés; salões para ceias e banquetes, os quais eram organizados e preparados pelos proprietários; e salões para diversas apresentações.

Os hotéis, de maneira semelhante aos cafés, eram espaços tipicamente masculinos, pois não foi encontrado nenhum indício de que as mulheres participavam das principais atividades desses espaços, como dos jogos, das apresentações ou mesmo dos banquetes; nenhum artigo fez alguma referência à presença de mulheres ou famílias nessas atividades.

Os hotéis também eram locais de diferenciação dos quais os que não tinham condições de entrar, fosse pelo preço do que era oferecido ou pela exigência de um padrão de apresentação ou de comportamento, eram excluídos. Assim, estes espaços de sociabilidade eram um local de identificação entre os frequentadores e de diferenciação em relação aos que neles não tinham acesso.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Referências

- Agulhon, M. (1992). La Sociabilidad como Categoría Histórica. In: FUNDACION MARIO GONGORA. *Formas de Sociabilidad em Chile 1840-1940*. Santiago do Chile: Vivaria.
- Avé-Lallemant, R. (1953). *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*. (Tradução de Teodoro Cabral). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- Barreto, A. (2003). *Dias de Folia*. O Carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat.
- Becker, K. (1958). A imigração no Sul do Estado de 1844-1852. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. 5º volume. Imigração. Canoas: Editora Regional Ltda, p. 322-371.
- Blumenau, H. (1963). Correspondência do Dr. Blumenau. *Blumenau em Cadernos*. Tomo VI, nºs. 3-4. Blumenau.
- Camargo, H. L. (2007). *Uma Pré-História do Turismo no Brasil*. Recreações Aristocráticas e Lazeres Burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph.
- Chartier, R. (1990). *A História Cultural*. Entre práticas e representações. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).
- Cunha, A. C. da (1928). Antigualhas de Pelotas. *A Opinião Pública*, Pelotas.
- Duval, P. (1945). Apontamentos sobre o Teatro no Rio Grande do Sul e Síntese Histórica do Teatro Sete de Abril, de Pelotas, que serviu de Quartel General dos Farrapos. *Revista do IHGRG*, Porto Alegre, n. 97, p. 37-65.
- González B. de Q., P. (2008). *Civilidad y Política en los Orígenes de La Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. 2.ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Guerrand, R. (1991). Espaços Privados. In: Perrot, M. et. al.. *História da Vida Privada*. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, p. 325-411. v. 4, da Revolução Francesa à Primeira Guerra.
- Magalhães, M. O. (Org.). (2011). *Atas da Câmara Municipal de Pelotas (1832-1845)*. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti.
- Mulhal, M. G. (1974). *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs*. (Tradução de Euclides Santos Moreira e Revisão de Rosaura Eichenberg). Porto Alegre: Bels/ Instituto Estadual do Livro.
- Müller, D. (2004). *A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928*. 2004. 158 f. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS.
- Müller, D. (2010). *“Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza”*: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS.
- Navarro, J. N. (2006). Sociabilidad e Historiografía: Trayectorias, Perspectivas y Reto. *SAITABI*. Revista de la Facultad de Geografía i Història, Universidad de València, València, n. 56, p. 99-120.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Pires, M. J. (2001). *Raízes do Turismo no Brasil*. Hóspedes, Hospedeiros e Viajantes no Século XIX. São Paulo: Manole.

Ricoeur, P. (2003). *La Memoria, La Historia, El Olvido*. (Tradução de Agustín Neira) Madrid: Trotta. (Colección Estructuras y Procesos – Serie Filosofía).

Rosa, G. J. da. (2005). *Imigrantes Alemães 1824-1853*. (Código C333 do AHRS). Porto Alegre: Est Edições.

Strong, R. (2004). *Banquete*. Uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fartura à mesa. (Tradução de Sergio Goes de Paula). Rio de Janeiro: Zahar Editor.

Turnaturi, G. (2001). As metamorfoses do divertimento citadino na Itália unificada (1870-1915). In. Corbin, A. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Teorema, p. 203-27.